

Fernando Molica

Motociclistas e a escravocracia brasileira

A desproporção entre o número de motocicletas no Rio e sua presença em acidentes de trânsito comprova a existência de outra forma de extermínio de jovens pobres e geralmente negros e renova a escravocracia brasileira.

Os números, fornecidos pelo Corpo de Bombeiros ao jornal O Globo, mostram que motos são 16% dos veículos da cidade, mas estão em 77% das ocorrências que precisaram ser atendidas pela corporação.

Trata-se de um mecanismo cruel de extermínio, em tese baseado numa opção das próprias vítimas — afinal ninguém é obrigado a ser motociclista. Mas as mudanças no mercado de trabalho, a falta de perspectivas de ascensão formal e a valorização de um empreendedorismo envolto num viés religioso de conquista da terra prometida acabam empurrando tanta gente para um trabalho tão arriscado.

Tanto faz que eles morram aos montes ou que sejam vítimas de acidentes, a

fila dos que precisam desse trabalho é interminável. Entre 2024 e 2023, as vendas de motos aumentaram 18,6%. Em 2022, foram computadas 12.058 mortes de motociclistas no país, mais de 33 por dia. Em São Paulo, houve, entre 2023 e 2024, aumento de 19,8% no número de vítimas fatais entre eles, 483 óbitos.

Quem dirige ou anda pelas ruas sabe que há muitos motociclistas imprudentes, que fazem manobras irresponsáveis, entram na contramão, circulam por calçadas. É óbvio que esse tipo de comportamento precisa ser reprimido com muita força (a prefeitura do Rio tinha anunciado uma espécie de choque de ordem nesse campo, mas parece que a proposta caiu da moto).

Mas é muito fácil jogar nas costas deles toda a responsabilidade pelos absurdos que cometem no trânsito. Gostamos de receber nossas entregas rapidamente, com nossa comida quentinha. Adoramos taxas de entrega baixas, vibra-

mos quando esse serviço não é cobrado. Somos parceiros da exploração.

É muito fácil falar em livre mercado, em mão invisível que a todos regula, quando se trata de uma atividade tão pulverizada. Já houve um esboço de organização de motociclistas em São Paulo, mas própria ideia de empreendedorismo dificulta qualquer tipo de luta conjunta. Na prática, um disputa entregas com o outro, e um dia parado representa faturamento zero.

A ideia do vencer na vida graças apenas ao esforço individual atrapalha propostas coletivas e de regulamentação, é só lembrar da irritação de motoristas de aplicativos quando o governo sugeriu a criação de normas que incluíam contribuição previdenciária. Isso foi encarado não como uma poupança para o futuro, mas como mais uma interferência do Estado para atrapalhar a vida de quem quer progredir.

O trabalho dos motociclistas/entregadores é quase

uma caricatura do processo de busca da exploração perfeita: eles têm que comprar o instrumento de trabalho, bancam o combustível, precisam rodar, rodar e rodar para faturar alguma grana. Quando se acidentam, recorrem aos hospitais públicos e deixam de faturar. Nessa cadeia, nada é cobrado das empresas que usam seus serviços.

Não é simples interromper o processo de exploração; esgalado pela péssima repercussão de medidas como a que afetava o Pix, o governo não quer saber de brigar com o senso comum de exaltação ao liberalismo. Há também muita demanda pelo trabalho desses jovens.

Talvez o único caminho seja aquele que o país sempre evitou: o de gerar melhores condições de vida, de estudo e de trabalho. Mas, ao invés disso, o Brasil insiste em fingir que não vê o problema — eles não ligam pra nós, cantou Michael Jackson no Pelourinho e no Dona Marta. Nós não ligamos pra eles, seria mais honesto dizer.

Thaís Velloso*

A alegria de Eneida no desfile da Grande Rio

Salgueiro, Paraíso do Tuiuti e Império de Samba Quem São Eles têm em comum não só o fato de serem escolas de samba — as duas primeiras, do Rio; a última, de Belém —, mas de terem homenageado a escritora, jornalista e foliã Eneida de Moraes (1903-1971), que assinava seus textos apenas com o primeiro nome. Apaixonada por Belém do Pará, sua cidade natal, pelo Rio de Janeiro, onde morou até o fim da vida, e pelo Carnaval, Eneida escreveu História do Carnaval carioca, publicado em 1958, foi jurada de desfiles carnavalescos e produziu diversas crônicas sobre o tema.

Em 1965, o Salgueiro, agremiação pela qual torcia, colocou na Avenida “História do Carnaval carioca - Eneida”, baseado no livro de sua autoria, comemorando os 400 anos da cidade do Rio de Janeiro; em 1973, dois anos após a morte da cronista, a mesma escola desenvolveu o enredo “Eneida, amor e fantasia”; nesse mesmo ano, foi homenageada pelo Império de Samba Quem São Eles, com o enredo “Eneida sempre amor”; e, por fim, em 1990 (com direito à reedição em 2010), o Paraíso do Tuiuti desfilou com o enredo “Eneida, o pierrô está de volta”, numa alusão ao Baile dos Pierrôs — criado pela escritora —, que teve edições nas duas cidades, Rio e Belém.

Este ano a Grande Rio le-

vou para a Sapucaí um enredo que muito bem explorou uma das paixões da autora, o Pará. A sinopse começa com um trecho de Eneida presente em seu livro Banho de cheiro: “Só o mar, o rio, o Grande Rio, aqui azul, ali verde, mais distante negro, barrento além, límpido mais adiante, interessava sua curiosidade, dava-lhe o desejo de viver e ser gente.” Esse rio, “barrento além”, apareceu encontrando o mar em uma ala da escola com componentes de fantasias em tom azul e outros em tom marrom, representando o encontro das águas. No trecho citado, Eneida fala de seu pai, por ela definido como “um cidadão da Amazônia que veio de um barranco de Santarém para o mar, o seu rio”, formado capitão de longo curso, fascinado pelo rio Amazonas, responsável por contar para a filha lendas amazônicas e outras histórias referentes à cultura local da cidade onde ela nasceu e a qual tanto amou.

Com o enredo “Pororocas parawaras: as águas dos meus encantos nas contas dos curimbós”, a Grande Rio — que ficou em segundo lugar, atrás da campeã Beija-Flor por apenas um décimo de diferença — contou a história de Jarina, Herondina e Mariana. Os carnavalescos Leonardo Bora e Gabriel Haddad explicam que essas três princesas turcas se encantam no oceano e se tornam, em

terras brasileiras, figuras centrais do tambor de mina paraense, sendo cantadas pelos carimbós.

Para abordar essa história, a agremiação mostrou na Avenida os costumes do Pará, suas águas, crenças, danças, cerâmicas, saberes, enfim, expressões populares de sofisticado conhecimento. No livro Terra verde: versos amazônicos, primeiro publicado e único de poemas, Eneida escreve versos sobre o banho de cheiro, o açaí, o muiiraquitã — a pedra verde da felicidade —, a Uaiara, o sol e a luz da Amazônia, a alma cabocla e, entre outros elementos, a voz da natureza. Tanto este livro quanto Banho de cheiro são dedicados à sua cidade natal, de onde saiu definitivamente em 1930, quando foi para o Rio de Janeiro.

Ao citar a escritora logo no início da sinopse, a Grande Rio recorda uma voz fundamental das letras nacionais e do Carnaval carioca, e Eneida acaba sendo também homenageada pela escola, como foi a cantora dona Onete, por exaltar em alegorias e fantasias deslumbrantes seu estado e sua gente. Ainda em Banho de cheiro, escreve a autora: “Até hoje nunca me faltou o banho de cheiro, o banho da felicidade que vou buscar, anualmente, na minha terra. Enormes garrafas trazem, pelos ares, as águas cheirosas de minha gente.”

As águas cheirosas de sua gente trouxeram para o Rio, para o Sambódromo, o perfume de Eneida, sua alegria — ela que tanto gostava de gargalhar e que tinha uma presença marcante onde chegava —, seu afeto e admiração pelo povo brasileiro e pelos cariocas. “Saúdo os carnavalescos de ontem, de hoje, de amanhã, pois, enquanto esta cidade existir e este país viver, jamais terminará o Carnaval carioca, modificando-se é certo, empobrecido hoje, mas sempre carnaval na alma do povo e da gente desta terra. Sou de outras terras, mas sou também carioca pelo que me declaro carnavalesca”, escreveu no Diário de Notícias em crônica publicada no ano de 1957.

Pelo amor ao Carnaval, se sentia também carioca, e com certeza, quando sua terra e sua gente entraram na Avenida, com um público tremulando várias bandeirinhas do Pará, nas encantarias paraenses estava Eneida. Ao sentir o cheiro cheiroso (“chêro chêroso”, salientava ela a pronúncia) na Sapucaí, imaginei Eneida sorrindo de braços abertos na pista, deslumbrada com o belíssimo desfile que fez a Grande Rio.

***Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), autora da tese “Eneida: cronista, flâneuse e foliã”.**

EDITORIAL

O sucesso que foi o carnaval no RJ

Quando se fala em eventos e grandes festas, festivais e shows, existem aqueles que criticam os ‘gastos’ de verba pública. Muitos falam sobre ‘investir’ em outros setores como saúde ou educação algo que não é destinado para isso. Porém, o que poucos valorizam são os retornos, de fato, que muitos eventos trazem aos municípios, estados e até ao país.

O Rio finalizou, com sucesso, mais um carnaval. A diga-se de passagem, que carnaval... E não falamos isso somente pela festança, mas sim pelos resultados obtidos economicamente.

O setor de serviços do estado do Rio de Janeiro teve nesta ano de 2025 o melhor desempenho, desde 2015. Dez anos depois. Já a hotelaria carioca, tem e muito o que comemorar. A taxa de ocupação na capital fluminense ultrapassou 98%. Já o setor de bares e restaurantes, em relação a 2015 registrou aumento de 40%. Em comparativo com o ano passado, 20% maior. Diante de todo esse cenário, o impacto positivo na economia durante os dias de Carnaval chegou a R\$ 6,5 bilhões.

Sem contar os empregos

temporários, neste ano foram geradas 8,6% mais vagas em comparação com 2024. A festa pode ter gerado 70 mil empregos, trazendo benefícios a diferentes setores da economia.

Para os críticos de plantão: a realização de grandes eventos, sejam eles esportivos, culturais ou corporativos, frequentemente levanta debates sobre o alto custo investido, especialmente quando envolve recursos públicos. No entanto, é inegável que esses eventos funcionam como catalisadores do desenvolvimento econômico, impulsionando setores estratégicos e deixando um legado positivo para a sociedade.

O debate não deve se concentrar apenas no custo imediato, mas na capacidade desses eventos de gerar riqueza, emprego e progresso. Seja carnaval, réveillon, grandes shows como o de Madonna, que recebeu muitas críticas... E vem por aí Lady Gaga!

Com gestão eficiente e responsabilidade fiscal, grandes eventos são mais que um gasto: são uma estratégia de desenvolvimento econômico e social.

Clássicos não se repetem

Recentemente, chegou aos streamings o “O Auto da Compadecida 2”. O filme, que foi exibido nos cinemas entre o fim de dezembro de 2024 e janeiro deste ano, busca reviver o clássico que arrebatou 2 milhões aos cinemas há 24 anos e mudou para sempre o imaginário popular de todo brasileiro.

O sucesso comercial foi alcançado. O longa foi visto por 4 milhões de brasileiros nos cinemas. A nova versão trouxe o mesmo elenco principal e a mesma equipe criativa. Mas, apesar da expectativa, a magia não se repetiu. Aliás, pouco se falou desta sequência que, assim como muitas outras na história do Cinema que falharam em repetir o sucesso do primeiro filme, cairá no esquecimento.

A grande ausência é o próprio Ariano Suassuna. O autor conseguia como poucos falar com todos os públicos brasileiros, do mais acadêmico ao menos letrado, com um texto que, apesar de simples e poético, era rico em inteligência e referências regionais.

A tentativa da nova equipe em imitar a fala de Suassuna ficou artificial. O que antes era profundo e afetuoso, agora soa repetitivo e sem alma. Parece ser o resultado de um pedido ao Chat GPT para emular o que Suassuna fazia.

A dimensão humana e que transmitia muito bem os sentimentos dos personagens que viviam naquele sertão, deu lugar a uma história poética e política, mas sem o mesmo impacto. O elenco original não tem erro! Continua brilhante e seus personagens apaixonantes.

O filme não é de todo mau. Pelo contrário, é um bom filme. Algo que se encaixaria bem na grade da clássica Sessão da Tarde e agradaria à audiência. Porém, tem de enfrentar a missão quase impossível de se equiparar à obra-prima que é adorada por todo brasileiro — uma missão tanto para quem produziu o longa, quanto para quem foi assisti-lo buscando reviver um pouco o sentimento que teve ao ver o primeiro O Auto da Compadecida.

Opinião do leitor

Carnaval, mar e amor

O script é sair da bolha da tristeza e sambar, cantar, gritar, pular, abraçar, beijar. Beber como se fosse a última vez. Sem pensar nas cinzas da quarta-feira. Porque viver é cultivar amor, amizade, esperança, fraternidade e solidariedade.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: APURAÇÃO AINDA NÃO SE ENCERROU PELO BRASIL

As principais notícias do Correio da Manhã em 11 de março de 1930 foram: Na Conferência Naval, ministros de França e Inglaterra

concluíram o exame dos problemas das tonelagens dos dois países. Parlamento alemão aprova o Plano Young por 270 a 192 votos, com

três abstenções. Mesmo derrotada, equipe de MacDonald não pede demissão coletiva. Apuração ainda não se encerrou pelo país.

HÁ 75 ANOS: CÂMARA REDODUZ CIRILO JÚNIOR À PRESIDÊNCIA

As principais notícias do Correio da Manhã em 11 de março de 1950 foram: Terminou a greve nos transportes de

Paris. Grã-Bretanha e Alemanha Ocidental negociam um novo tratado comercial. Cirilo Júnior é reconduzido à presidência da Câ-

mara dos Deputados por 207 votos. Estudantes organizam vários comícios pró-Eduardo Gomes no interior do estado do Rio.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br
Redação: Carlos Martins, Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor) e Rafael Lima
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira
Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057
Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt.10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.